

EP-287 - ITINERÁRIO TERAPÊUTICO DE PESSOAS VIVENDO COM HIV EM SUPRESSÃO VIRAL SUSTENTADA: DO DIAGNÓSTICO A VINCULAÇÃO

Renata Pires de Arruda Faggion,
Thamyris Lucimar Pastorini Gonça,
Gilselena Kerbauy

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina,
PR, Brasil

Introdução: O itinerário terapêutico configura-se como uma importante estratégia para a compreensão das formas de cuidado em diferentes realidades vividas, portanto, entender as especificidades dos percursos terapêuticos de pessoas vivendo com HIV/aids em supressão viral sustentada pode contribuir com o fortalecimento e resolutividade de questões que ainda permeiam os serviços especializados de saúde.

Objetivo: Aprender as representações sociais sobre o itinerário terapêutico de pessoas vivendo com HIV em supressão viral sustentada.

Método: Estudo qualitativo, realizado em dois serviços especializados de saúde tendo como amostra 15 pessoas em tratamento para HIV/aids e que estão em supressão viral desde o início do tratamento antirretroviral. A coleta de dados ocorreu em 2022, a partir de entrevistas audiogravadas. Os dados foram analisados pela técnica do discurso do sujeito coletivo.

Resultados: Os discursos foram elaborados a partir de quatro categorias: 1) Sintomas após o diagnóstico e sentimentos emersos, versando sobre os indícios físicos da infecção pelo HIV, o medo da morte a partir do resultado positivo, a culpa e/ou dúvida de quem transmitiu o vírus, a negação da condição de saúde e o receio de revelar o diagnóstico à família; e 2) O despertar para a adesão ao tratamento, que enfatizou a busca por informações sobre a doença, o acolhimento/apoio da equipe multidisciplinar para o início da terapia antirretroviral, a decisão de ampliar o autocuidado e seguir o tratamento regularmente; 3) Fragilidades/ Dificuldades no tratamento, entre elas, os rótulos sociais negativos intrínsecos ao HIV, que dificultaram e potencializaram a discriminação desse público; e 4) As Perspectivas futuras da Pessoa que Vive com HIV/aids, que retratou a compreensão dos participantes em associar sua existência pessoal para além do tratamento da doença, almejando assim a qualidade de vida.

Conclusão: Observou-se que o momento da descoberta do diagnóstico ainda impacta os pacientes de maneira negativa, porém conforme há a busca por conhecimento sobre a doença e esclarecimento a respeito do seu tratamento contínuo, aliado ao acolhimento empático da rede de apoio dessas pessoas, o processo de aceitação e autocuidado é facilitado, o que contribui para uma qualidade de vida comparável a de uma pessoa que não possui HIV.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104195>

EP-289 - PREP: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO PERFIL DOS USUÁRIOS

Amanda Aparecida da S. Machado,
Gabriela Leite de Camargo

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro,
RJ, Brasil

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio
de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: A Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) para o HIV foi implementada em 2018 e a partir daí a sua procura foi aumentando ao longo dos anos. Todavia, apenas alguns grupos são os que mais lançam mão da sua utilização.

Objetivo: Fazer uma análise histórica do perfil dos usuários da PrEP ao longo dos anos de implantação até os dias atuais.

Método: Estudo descritivo e exploratório, caracterizado por apresentar o perfil dos usuários da PrEP no período entre 2018-2024, utilizando dados secundários disponibilizados pelo Painel PrEP do Ministério da Saúde.

Resultados: Desde 2018, 166.563 pessoas iniciaram a PrEP. Enquanto no ano da implementação só haviam 62 municípios dispensadores e 8.215 usuários adquirindo esse direito. Em 2023 a Profilaxia Pré-Exposição estava inserida em 548 municípios e na vida de 110.662 brasileiros. Em 31 de março de 2024, 122.547 usuários haviam realizado pelo menos uma dispensa nos últimos 12 meses, tendo 31% de descontinuidade (37.621). Tivemos ativas 966 Unidades Dispensadoras de PrEP no país nos últimos 12 meses. Dos usuários ativos, 71% possuem escolaridade de 13 anos ou mais e 30-39 anos foi a faixa etária que mais tem utilizado (41.7%), seguido de 25-29 anos (23.3%). Em relação à raça/cor, 55% são brancos ou amarelos, 31% pardos e apenas 13% pretos. Gays e outros HSH cis são 82.2%, 6.7% homens heterossexuais cis, 5,8% mulheres cis, 3% mulheres trans, 1,7% homens trans, 0,4% não binários e apenas 0.2% travestis.

Conclusão: Apesar do enorme avanço do Ministério da Saúde em oferecer essa estratégia de prevenção combinada contra o HIV, a pesquisa evidencia que o perfil beneficiado é bastante desigual, com diminuta adesão daquelas com baixa escolaridade, negros e outras pessoas que não gays e outros HSH cis. O presente estudo ratifica a importância de uma saúde com mais equidade, possibilitando que essa ferramenta tão necessária tenha seu acesso ampliado.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104196>